

*Nascentes***A NECROPOLÍTICA NUMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL
EM “ANA DAVENGA”***Fábia Magalhães Dias Beviláqua***Elio Ferreira***

RESUMO: A ficção de Conceição Evaristo é marcada por histórias de violência que retratam os frágeis limites da vida e da morte de suas personagens. Trata-se de pessoas vulneráveis por trazerem consigo as marcas da opressão e exclusão social. A presença da morte perpassa toda a produção de Evaristo. No conto “Ana Davenga”, as personagens são colocadas em constante contato com a morte. O tráfico de drogas e a guerra instaurada em combate a esse crime criam um clima de insegurança e incertezas quanto ao futuro dessas personagens. Nessa perspectiva, decidimos analisar esse conto, trabalhando os conceitos da necropolítica e do necropoder criados por Achille Mbembe (2018). A análise do tema será mediada pela experiência e escrita de Evaristo (2020), a “escrevivência” que tem se tornado um conceito para melhor compreender a realidade ficcional da literatura afrodescendente. Sua escrita, formada na vivência e na experiência de mulheres negras, se expande, abarcando a história da coletividade da população negra. Portanto, a interseccionalidade, como metodologia de análise, far-se-á necessária para melhor chegarmos ao entendimento do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Ana Davenga; Escrevivência; Necropolítica. Interseccionalidade.

O conto “Ana Davenga” de Conceição Evaristo (2016) é o retrato da violência e dos frágeis limites da vida e da morte em que vive a população negra da periferia. Em sua ficção a autora trata desse tema com a sensibilidade de quem presenciou a “olhos nus” essa realidade. Um olhar que nasce de dentro dos fatos e se materializa em uma escrita carregada de dor e de resistência.

Foi a partir dessa perspectiva que o conceito de escrevivência foi concebido: “Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte” (EVARISTO, 2020). É no entrecruzar da vida com a arte, ou da arte com a vida, que se deu a premência de trabalhar os conceitos de necropolítica e de necropoder elaborados por Achille Mbembe (2018), no conto de Evaristo, acima citado, em que a presença da morte prepondera. A morte

* Mestranda do Programa em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

** Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras e do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro - NEPA.

será tratada não apenas como a retirada da vida, “mas também como a exposição ao risco da morte, a morte política e a rejeição” (ALMEIDA, 2020)

Em termos gerais, o necropoder reside na soberania de ditar quem deve morrer. Esse poder é sustentado por um projeto político, que Mbembe (2018) denominou de necropolítica, que promove a desumanização e a legitimação da morte de corpos indesejáveis. São corpos estigmatizados pela cor da pele, preta, e pelo histórico de opressões e violências que têm suas origens no sistema escravocrata colonial e se estende até nossos dias em outros moldes.

Das violências a que estão submetidas a população negra periférica temos a ausência do exercício do poder estatal no que diz respeito a oferta de saúde pública, saneamento básico, redes de transporte, segurança pública entre outros serviços básicos. Almeida (2020) afirma que o Estado, ao negligenciar esses serviços a apenas uma parcela (considerável) da população, está exercendo o poder da morte, o poder de deixar morrer indivíduos pertencentes a grupos invisibilizados.

A escassez de recursos e a falta de oportunidade socioeconômica levam muitos desses cidadãos à criminalidade, especificamente, à inserção deles no tráfico de drogas. É esse o contexto em que estão inseridas as personagens do conto “Ana Davenga”. Temos Ana, a personagem central, uma mulher negra da periferia, companheira de Davenga, chefe de uma organização criminosa que a narradora caracteriza como “uma espécie de quartel-general” (EVARISTO, 2016, p. 14).

O foco narrativo se estabelece como voz feminina, tendo em vista “a imagem fundante” da “escrevivência” que, segundo Evaristo (2020), parte da figura da Mãe Preta, que na sua condição de escravizada, cumpria a tarefa de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. No entanto, esse ato de escrever que, por extensão, é o “corpo-voz de mulheres negras” subverte a função de contar histórias que outrora adormecia e que agora incomoda “o sono dos injustos”.

A escolha da autora ao comparar o barraco de Davenga com um quartel-general não é inocente. O conto parece evidenciar as semelhanças entre o *modus operandi* da organização criminosa e das instituições militares, além de semanticamente reforçar o clima bélico em que as personagens vivenciam, afinal, segundo Mbembe, a guerra é “um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar” (2018, p. 6). Evaristo afirma essa posição no seguinte momento do conto:

O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e

confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. (EVARISTO, 2016, p. 14)

Davega é o chefe que estabelece as ordens ante os seus subordinados. Frente aos comandados, a ele pertence a soberania de controlar a vida de seus pares, além de decidir sobre a morte destes, caso fossem contra suas imposições. É possível também perceber a relação de poder ao que se refere ao gênero masculino. A permanência ou não de Ana, uma mulher, é decidida por homens assim como Davenga limita como ela deve se comportar em relação a seus negócios: “cega, surda e muda”.

O ambiente tenso e hostil do mundo do crime, em que muitas pessoas negras estão envolvidas por uma série de problemáticas sociais, parece ganhar contornos maiores quando se analisa a partir da personagem Ana Davenga. Evaristo (2016), ao centrar o enredo na nela, recorre a uma perspectiva interseccional na tentativa de mostrar que “mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (AKOTIRENE, 2020, p.19). Mulheres são alvos de uma estrutura patriarcal/machista e racista, portanto mais vulneráveis às violências que podem surgir de homens dentro ou fora do seu ciclo de convivência.

O pensamento interseccional leva a se reconhecer as possibilidades de opressões sofridas por mulheres negras e quanto a essas opressões podem ser corroboradas com simples atitudes, mas que legitimam o poder de um grupo sobre o outro. A atitude de Ana ao adotar o nome do companheiro, Ana Davenga, demonstra um sentimento de satisfação ao se sentir pertencente a um homem ou submissa a ele. As estruturas de opressão agem exatamente mediante as fragilidades, as vulnerabilidades, aos riscos. O poder de Davenga, mesmo sendo um poder ladeado pelo crime, assegurava uma proteção pelo menos dentro do seu círculo de convivência, já que o grupo étnico e social a que Ana pertence vive e sobrevive mediante um abismo social que põe em constante risco suas vidas, conforme viabiliza o seguinte trecho: Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. (EVARISTO, 2016, p. 17)

Ana Davenga reconhecia os riscos de viver ao lado de um homem envolvido com tráfico de drogas, mas as opções de vida, fora essas, não diminuem os riscos que a população jovem negra enfrenta. O Brasil assiste ao elevado número de mortes dessa população. Segundo o *Atlas da violência* (2020), divulgado pelo Governo Federal, apenas em 2018, os negros

representaram 75,7% das vítimas de homicídios. Dentre as violências que aniquilam a vida de jovens negros, a guerra no combate às drogas tem sido uma das grandes causadoras do genocídio da população negra. Essa prática violenta ocorre justificada pela tentativa de instituir uma ordem social.

A forma, como o mercado ilegal de entorpecentes é combatido aqui no Brasil, gera uma violência incontrolável nas periferias das grandes cidades. O confronto entre traficantes e as forças policiais faz parte do cotidiano da periferia e nessa guerra temos a juventude negra, pobre e periférica, principal vítima dessa política sobre as drogas. Dentro desse cenário bélico, o terror se instaura e é nessa ambiência que se configura a narrativa do conto Ana Davenga.

O início do conto irrompe em meio a uma atmosfera de suspense, em que a personagem central é cercada, no interior de sua casa, pelos homens que trabalham para o seu companheiro, Davenga. Ana, diante da atitude enigmática deles, seguida da chegada das mulheres e da ausência de Davenga, se enchia de medo e ansiedade. Não conseguia compreender o que ocorria, ao mesmo tempo que relacionava a ausência do seu companheiro à alguma confusão que ele poderia estar metido.

Naqueles dias, ele andava com temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachugas se cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. (EVARISTO, 2016, p. 15-16)

O medo e a insegurança da protagonista se dar ao fato de saber que Davenga é visto como um inimigo do Estado, em potencial, o que leva a polícia a suspeitar de seu envolvimento num assalto e se ver no direito de invadir seu barraco, mesmo não havendo provas concretas sobre sua participação. A invasão de domicílio em territórios de exclusão, como as favelas, tem se tornado uma prática frequente. Em situações como essas, apontadas nos textos, trata-se de uma violência já que o domicílio é um “asilo inviolável”, segundo a Constituição do Brasil de 1988.

A violência e o terror contra esse inimigo são uma maneira de estabelecer a soberania em que o exercício do poder está à margem da lei. “É aí que se revela o necropoder: nesse espaço que a norma jurídica não alcança” (ALMEIDA, 2020, p. 119). A peculiaridade do

terror, fomentado por esse tipo de violência das forças policiais representadas no conto, não se dá diante de uma ameaça concreta, mas da suposta iminência de um ataque do inimigo.

É importante ressaltar que Evaristo (2016), mesmo retratando os mecanismos de violência executados pelas forças policiais contra Davenga, não omite a condição de bandido em nome de uma possível defesa racial, mas amplia o debate sobre essa condição. Davenga, ao realizar suas ações criminosas, age com crueldade e sente prazer de provocar pavor em suas vítimas: “Quanto mais forte o sujeito, melhor” (2016, p. 16), ou seja, a expressão “mais forte” refere-se ao poder, como no caso do deputado, que representa uma autoridade política, representa o poder público que tanto negligencia a existência de sujeitos como Davenga, excluídos dos direitos e garantias estabelecidos pela Constituição Federal.

Sujeitos como Davenga crescem sob o signo da opressão, dentro de uma estrutura política que provoca a morte social desses sujeitos. Por esse viés, a atitude criminosa dele transforma-se numa reação contra as forças que sempre o oprimiram. Ao tratar dessa ambiguidade neurótica da personagem, Evaristo (2016) não pretende justificar o crime, mas dimensionar a sua lógica, refletindo sobre suas causas e consequências. O assalto contra o deputado ocorre como um acerto de contas:

— Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. — Era mentira. — Doutor, eu votei no senhor.
— Era mentira também. — E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem-vestido, como o senhor. (EVARISTO, 2016, p. 16)

Davenga faz de seu opressor, vítima; o que revela a quão desastrosa é uma estrutura política excludente, marcada por fortes desigualdades sociais. A caracterização de Davenga transita a partir de diferentes pontos de vista, já que parte de uma lente analítica interseccional em que as matrizes de opressão se cruzam, colocando-o como um sujeito complexo e vulnerável à dinâmica social.

O remorso que Davenga sente ao se lembrar do assassinato de Maria Agonia, encomendado por ele, revela também de modo dúbio sua crueldade e capacidade de arrependimento. Vale ressaltar que ele humaniza-se a partir dessa relação amorosa vivida com Ana, pois:

Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar Maria Agonia” (EVARISTO, 2016, p. 17).

Para além de acentuar a importância de Ana na vida de Davenga e a grandeza das personagens femininas na escrivência de Evaristo, o amor aparece, sutilmente, sem

pieguice, como um sentimento-atitude capaz de restituir a humanidade do ser. Davenga recebe de Ana o amor que Maria Agonia se recusou a dar, já que essa o tinha para nada além de um corpo que lhe proporcionava prazer.

Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. (EVARISTO, 2016, p. 18)

Partindo da posição social de poder de Davenga no mundo do crime, a revolta dele foi mais pela frustração da subversão de gênero, do que pela rejeição que o reduziu como um objeto sexual. O assassinato de Maria Agonia trata-se de um caso de feminicídio. A sua morte foi motivada pela discriminação de gênero, um aspecto fundante de uma sociedade machista, em que homens se sentem no direito de controlar o corpo da mulher e chegar ao extremo de decidir em manter ou não a sua existência. É o necropoder se revelando também nas relações de gênero.

A morte de Maria Agonia não é apenas uma representação de um fato isolado, visto que o Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo, de acordo com o *Mapa da violência de 2015* (WASELFSZ, 2015). Sua morte é o grito agônico não só da escritora, mas de todas as mulheres que crescem sob o estigma do medo de ser, de existir. Até a escolha semântica do nome da personagem assassinada está relacionada com a condição vulnerável de ser mulher. É um compromisso firmado e mantido por Evaristo em sua escrevivência.

Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado. Há pouco falei que “não usaria a palavra domínio”. É uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi. Penso que a Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também. (EVARISTO, 2020, p. 40)

A escrita de Evaristo, como ela mesma afirmou em seu ensaio sobre a “escrevivência”, “não é inocente, tem um propósito político em seu sentido mais amplo” (2020, p. 41). A morte presente em suas narrativas transcende o sentido de um fim natural da vida. É versada por uma perspectiva política. Não se trata aqui de um fim, pois as causas não são naturais, mas um meio, um mecanismo de poder, pois reafirma o direito de indivíduos pertencentes a certos grupos privilegiados exercer a violência e matar.

Nos momentos em que se antecede a chegada de Davenga à festa surpresa de aniversário, Ana, cingida de terror e ansiedade, resgata em sua memória os caminhos da morte

percorridos por ela, por Davenga e pelos seus semelhantes. É compreensível sua tensão no presente. E essa não é aliviada, mesmo descobrindo que tudo se tratava de uma festa. Suas incertezas em relação a vida e ao futuro permanecem, porque sua condição de sobrevivente em meio à guerra do tráfico, em que ela e os seus estão expostos, subsiste.

Era uma festa! Distingui vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus? (EVARISTO, 2016, 18-19)

Pelos caminhos da morte percorrem as personagens de Evaristo. Em *Olho D'água* (2016), livro do qual o conto “Ana Davenga” faz parte, as personagens se equilibram na corda bamba entre a vida e a morte. O destino fatal se revela a elas precocemente. São personagens “viciadas na dor”, por isso não conseguem vislumbrar a iminente alegria de celebrar a vida, como Ana Davenga quando surpreendida pelos amigos na festa surpresa de seu aniversário: “Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário” (EVARISTO, 2016, p. 19). Assim, nos demais contos de *Olho D'água* (2016), temos Maria, a personagem linchada por populares ao suspeitarem que ela conhecia o criminoso que havia praticado o assalto no ônibus; Zaíta, a criança negra alvejada por uma bala perdida em meio a um tiroteio na favela; a morte simbólica de Lumbiá, atropelado por um carro trazendo no braço uma imagem de Jesus, ambos “amassados, massacrados, quebrados” (EVARISTO, 2016, p. 54); a morte social e física do menino de rua, Di lixão; Dorvi, que mesmo tendo combinado, com os amigos, de não morrer, sucumbe no mundo do crime.

A dor habitual sentida por Ana Davenga se une a dor dos demais personagens que compõem o livro *Olho D'água*. É a dor solidária da escrivência que Vilma Piedade (2017) convencionou chamar de Dororidade:

Tem uma dor constante que marca as Mulheres Pretas do cotidiano – a dor diante de uma perda. E nesse jogo cruel do racismo quem está perdendo seus filhos e filhas? Todos Pretos. Todas Pretas. As respostas tá estampada nos dados oficiais sobre o aumento do Genocídio da Juventude Preta. Dororidade. (PIEIDADE, 2017, p. 18)

A morte da população negra em *Olhos D'água* é o reflexo da realidade, assim como a guerra às drogas que aparece de forma representativa no que analisamos nesse artigo. Os minutos de felicidade de Ana, proporcionado pela festa surpresa preparada por Davenga, são

interrompidos com a invasão violenta de policiais no barraco do casal, que naquele momento se preparava para o “gozo-pranto”. Uma metralhadora vinda de fora pela janela, apontava na direção de Ana: “Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda” (EVARISTO, 2016, p. 19). O futuro fatal chegou cedo para Davenga e Ana e mais cedo ainda para o filho-semente que carregava no ventre.

Cercado por policiais Davenga sabia que estava vencido: “E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca!” (EVARISTO, 2016, p.17). Davenga tinha consciência das condições sub-humanas em que vivia a população carcerária, pois já conhecia o ambiente prisional ao visitar um companheiro que estava preso. Tinha medo e entrava em desespero só de pensar. Compreender o desespero de Davenga nos leva a refletir sobre sistema prisional brasileiro.

O Brasil ocupa o ranking de terceira maior população carcerária do mundo, de acordo com dados de Infopen, sistema de informações estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). O aumento do número de presos divulgado pelo Depen, no início de 2020 foi, de certa forma, positivado nas redes sociais pelo presidente da república Jair Bolsonaro, ao afirmar que o número (758.676 presos) significa menos bandidos na rua. No entanto, esses dados revelam muito mais que a privação da liberdade de bandidos, já que o encarceramento tem cor.

O Mapa de Encarceramento aponta que a maioria da população carcerário é negra, da cor do personagem Davenga. É algo que chama a atenção e precisa ser trazido para o debate. E assim Evaristo (2016) o faz quando retrata o personagem apavorado com a possibilidade de sua prisão a ponto de optar pela morte.

Não se deve olhar esses dados de forma anacrônica como se fosse apenas um problema dos nossos tempos. Historicamente, a população negra já veio ao Brasil privada de liberdade pelo sistema escravocrata, e relacionar esse fato do passado aos dados do presente é perceber que a escravidão permanece com novas roupagens, já que o povo não-branco continua sendo alvo de estratégias de dominação.

O drama existencial de Davenga e Ana tem suas raízes na escravidão. Não há como dissociar as vivências do povo negro à sua memória histórica, porque a ferida e a chaga permanecem aberta à procura da cura, como cantou os Racionais MC's (2002) em “Negro drama”. Davenga agora encurralado pelas forças policiais, mais uma vez sente com intensidade o negro drama: “Tenta ver e não vê nada/ A não ser uma estrela/ Longe, meio ofuscada” (RACIONAIS MC'S, 2002).

A estrela fosca que Davenga visualiza é a liberdade, que ele sempre buscou, fatidicamente, de forma ilícita. Essa tal liberdade, naquele momento, só poderia ser alcançada, por ele, através da morte. Mbembe refere-se a essa relação entre terror, liberdade e sacrifício a partir da ideia do “ser para a morte” segundo Martin Heidegger; “o ‘ser para morte’ é a condição decisiva de toda a liberdade humana verdadeira. Em outras palavras, se é livre para viver a própria vida somente quando se é livre para viver a própria morte” (MBEMBE, 2018, p.66).

Davenga chega a pensar na possibilidade de Ana sobreviver àquele embate caso ele se entregasse. Mas sabia que o simples gesto de pegar a camisa exibiria a arma que estava de baixo dela, o que, conseqüentemente, levaria os policiais a atirarem neles. E assim aconteceu.

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. (EVARISTO, 2016, p. 19)

O perfil de Davenga é tipicamente estigmatizado pela sociedade, pertence a um grupo que (sobre)vive sob o véu da invisibilidade social. E como sobrevivente, já tendo percorrido os caminhos da morte e lutado contra muitos inimigos, está para matar ou morrer.

Partindo da perspectiva da escravidão trazida pela ocupação colonial, “morte e liberdade estão revogavelmente entrelaçadas” (MBEMBE, 2018, p. 68). Muitos escravizados preferiram a morte e alguns optaram por tirar a própria vida e dos seus para se livrarem do jugo da escravidão. Essa “lógica da sobrevivência” foi a mesma aplicada por Davenga, é a mesma aplicada por muitos que sobre(vivem) no contexto bélico da guerra às drogas. Já dizia a personagem Bica do conto “A gente combinamos de não morrer”: “não morrer, nem sempre é viver” (EVARISTO, 2016, p. 68)

A maneira como o combate às drogas acontece nas periferias das grandes cidades é muito cruel para ambos os lados, como a cena final do conto narra, pois no Brasil, a polícia que mais mata jovens negros de periferia, em nome da segurança pública, é também a que mais morre no mundo.

O confronto, entre as tropas do tráfico e as forças policiais, ceifa a vida dos envolvidos e até dos não envolvidos. Embora Ana seja mulher de um traficante, ela não tem um envolvimento direto com o crime, porém é exterminada da mesma forma que seu companheiro. A ela não é dado o direito de provar sua inocência. À semente que carregava no ventre não é dado o direito de sequer existir.

A existência de Ana, mulher negra, pobre, da periferia, já está fadada à condenação pelas marcações identitárias, que se interseccionam (raça, classe, gênero e território), intensificando a vulnerabilidade e ausência de seguridade social. A morte física é apenas o cume de uma sequência de mortes sociais.

Condenados desde sempre à desumanização de seus corpos, a vida de Ana e Davenga pouco importa. Não é à toa que a música “A carne”, interpretada por Elza Soares (2002), afirma que “a carne do mercado mais barata é carne negra”. Apenas a morte do policial é lamentada pelos noticiários. Cabe aos outros corpos executados a exposição deles tão comum no jornalismo sensacionalista. Um espetáculo de terror e violência para reforçar a soberania do Estado que detém o poder e a capacidade de “ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p. 5). Na escravidão, tínhamos o pelourinho local em que escravos eram castigados em praça pública. Na época do cangaço e da guerra de canudos, o desfile das cabeças dos inimigos da lei. “Terror e morte tornam-se os meios de realizar o *telos* da história que já é conhecido” (MBEMBE, 2018, p. 26)

A realidade, proposta de forma autêntica pela escrevivência de Evaristo, nos leva a uma série de reflexões e debates sobre o mundo do crime, as condições de vulnerabilidade de certos grupos, os motivos que impulsionam os indivíduos à criminalidade, o ilusório poder proporcionado pelo crime organizado, a vida marcada por tensões e riscos, e numa esfera macro o destino fatalista que culmina com a morte.

Identificamos na narrativa do conto “Ana Davenga” os mecanismos de poder que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica). Na análise do conto pode-se contextualizar e explicitar as marcações sociais de gênero, raça, classe e território. A vida e morte de Ana Davenga exige um olhar interseccional que seja capaz de identificar as matrizes de opressão que operam em conjunto (racismo, capitalismo, patriarcado), o que torna relevante para pensarmos as questões raciais no Brasil, que levam ao elevado número de mortes da juventude negra, e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes.

NECROPOLITICS FROM AN INTERSECTIONAL PERSPECTIVE IN ANA DAVENGA

ABSTRACT: Conceição Evaristo's fiction is marked by stories of violence that portray the fragile limits of life and death of her characters. These are vulnerable people who carry with them the marks of oppression and social exclusion. The presence of death runs through all of Evaristo's production. In the short story Ana Davenga, the characters are placed in constant contact with death. The drug trafficking and the war that is waged to combat this crime create a feeling of insecurity and uncertainty about the future of these characters. From this perspective, we decided to analyze this story, working the concepts of necropolitics and necropower created by Achille Mbembe (2018). An analysis of the theme will be mediated by Evaristo's (2020) experience and writing, the writing experience that has become a concept to better understand the fictional reality of Afro-Brazilian literature. Her writing, which is formed in the living and experience of black women,

expands, encompassing the history of the black population. Therefore, intersectionality, as a methodology of analysis will be necessary to achieve a better understanding of the text.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Ana Davenga; Writing Experience; Necropolitics; Intersectionality.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jadaíra, 2020.

BRASIL. *Constituição da república federativa do Brasil de 1988*. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: fev. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. *A Escrivência e seus subtextos*. In: *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOVERNO FEDERAL. *Atlas da violência 2020*. IPEA: 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: fev. 2020.

_____. *Dados sobre população carcerária do Brasil são atualizados*. Disponível em <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/dados-sobre-populacao-carceraria-do-brasil-sao-atualizados#:~:text=Considerando%20presos%20em%20estabelecimentos%20penais,liberdade%20em%20todos%20os%20regimes>. Acesso em: fev. 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 2. ed. São Paulo: N-1edições, 2018.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RACIONAIS MC's. *Negro drama*. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. *Streaming* (01: 50: 24). Disponível em: <https://deezer.page.link/8tZ3qBjSjQgDMwZn9> . Acesso em: jan. 2021.

SOARES, Elza. *A carne*. São Paulo: Maianga Discos: 2002. *Streaming* (01: 01: 47). Disponível em: <https://deezer.page.link/8tJwQBzmCKtKgMoY8> . Acesso em: fev. 2021.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: Flacso Brasil, 2015. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf . Acesso em: fev. 2021.

Recebido em: 11/11/2021.

Aprovado em: 14/12/2021.